

A Educação como Comunicação: do Poder para Inculcamento Ideológico e dos Educadores para Reação Crítica¹

Dulce Adélia Adorno-Silva
Centro de Linguagem e Comunicação
Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP

Resumo

Analisa visões antagônicas sobre Educação, para evidenciar oposição entre rigidez da crítica e prometeísmo, excluindo pontos sectários e integrando compatíveis com o sistema de ensino da sociedade complexa resulta do avanço das tecnologias, como de comunicação. Pontua Ensino como aparelho que inculca, por meio da comunicação, o *hábito* imposto pelas classes dominantes.Ex.: a reforma de ensino no Brasil (Ditadura Militar) para controle das massas, mas com reação crítica dos professores ao regime. Cita Freinet, que propõe educar crianças no meio natural, mas aceita a presença da comunicação tecnológica; e Vygostky, para quem o homem incorpora a evolução; ex.: dados de acesso das classes dominantes às universidades. Conclui: nossa realidade é plural; propõe para a democracia, respeito às diversidades; educadores de várias regiões devem elaborar proposta nacional de educação.

Palavras-chave

Educação; inculcamento do poder; importância da comunicação; prometeísmo; sociedade complexa.

1. Manutenção da Ordem e Ruptura

A educação é um dos principais motores do desenvolvimento humano e da integração do indivíduo na sociedade que, ao evoluir, se modifica. Se a escola é instituição responsável pela conservação da civilização, o projeto político-pedagógico deve ser construído conforme as necessidades sociais e culturais da população, considerando-se o mundo globalizado em sua complexidade, assim como as diversidades regionais em vista da manutenção das várias identidades culturais. Para tanto, é necessário que a ação pedagógica se oriente para a pessoa, a cidadania e o trabalho, no sentido de que o educando se torne sujeito do processo educativo, por meio da aquisição de conhecimentos que o levem ao pensamento crítico para participar do sistema político, integrar-se no mercado de trabalho, enfim desenvolver-se pessoal e socialmente.

¹ Trabalho apresentado Trabalho apresentado no DT 6 – INTERFACES COMUNICACIONAIS, GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Embora o projeto possa direcionar o processo educativo para a manutenção da ordem social

- do *status quo* – como acontece durante os regimes totalitários, pode também ter como objetivo a produção de mecanismos de emancipação social. Muitas vezes, o primeiro direcionamento sustenta a rigidez das teorias que entendem o sistema de ensino unicamente, como meio de espelhamento ideológico daqueles que detêm o poder com vistas à legitimação e permanência da ideologia vigente. Assim, a escola é vista como “aparelho ideológico do Estado”, conforme Althusser, para controle social, manutenção ou reprodução do sistema de classes sociais. Para esse autor, a função da escola é tornar o indivíduo qualificado para o trabalho em função “da submissão às normas da ordem vigente, isto é, uma reprodução da submissão dos operários à ideologia dominante” (ALTHUSSER, 1985, p.58).

Com visão crítica semelhante, outra obra afirma que o sistema de ensino se constitui um representante das classes dominantes, as quais lhe atribuem a função de impor, de modo dissimulado, significações, como se fossem legítimas. Por conseguinte, a ação pedagógica escolar definida pelo sistema de ensino dominante “tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima”. (BOURDIEU e PASSERON, 2008, p.27). O exercício dessa violência se realiza por meio da comunicação. Para os autores, tradicionalmente “o sistema de educação”, é definido como “o conjunto dos mecanismos institucionais ou habituais pelos quais se encontra assegurada a transmissão entre as gerações da cultura herdada do passado (isto é, a informação acumulada)” (Ibidem, p.32), o que faz com que a reprodução cultural seja dissociada de sua função de reprodução social, ou seja, as teorias tradicionais ignoram o efeito das relações simbólicas na reprodução das relações de força. Isso ocorre porque a comunicação pedagógica dissimula as relações de força que a possibilitam, pela legitimação da autoridade atribuída ao professor.

Investido da autoridade pedagógica, o professor transforma a informação em formação (p.40), visto que estabelece “uma relação arquetípica com o pai” (p.41) e, assim, ele é tratado. Portanto, os autores reafirmam a visão de Freud, que cita a transferência da relação paterna para o professor. Segundo os autores, quando o indivíduo se investe da autoridade pedagógica, a comunicação ocorre, porque é aceita, pois existe uma crença da parte dos receptores “da necessidade de informação” (p.45) como forma de ascensão social. Dessa forma, os autores não creem, como possível, a democratização do ensino, uma vez que é utópico pensar em uma política de educação

democrática, porque o sistema educativo funciona como reprodutor das relações de força por meio da “inculcação do *habitus*”, qualquer que ele seja. Por isso, a ação educativa obedece à lei da rotina, que acaba se tornando um ritual, durante o qual cada geração repete a anterior, ou seja, a violência simbólica se exerce repetidamente, mas sob a aparência da neutralidade

No entanto, a visão dos dois estudiosos sobre o sistema de ensino como reprodutor *ad infinitum* da cultura imposta pela classe dominante em função da legitimidade do poder que elas detêm, comprova-se no período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), quando o poder totalitário promoveu a reforma do ensino, que exemplifica as teorias de Bourdieu e de Althusser. Em 1965, o governo militar formou uma comissão de especialistas: dois brasileiros e cinco americanos (acordo MEC/USAID) -, para proceder à reforma do ensino, a qual teve como modelo a do ensino superior americano. Pela Lei da Reforma 5.540, de 1968, a universidade sofre uma série de alterações: cursos de curta duração (dois anos), a licenciatura (quatro anos), o sistema de créditos, a extinção da cátedra e restringe a participação estudantil nos processos de decisão interna da universidade. O ministro da Educação, Suplicy de Lacerda afirma que “Os estudantes devem estudar e os professores, ensinar” (FREITAG, 1980, p.83)

Em consequência do acordo, exige-se regime de tempo integral e dedicação exclusiva (Art.34) para os professores; assegura-se a participação dos estudantes em grêmios universitários (art.328, §1 a 3); e introduz-se o vestibular unificado e classificatório (Art.21). Na Europa, houve debates em torno da reforma: associações estudantis, grupos de professores, pessoal técnico-administrativo, sindicatos, partidos, igreja, jornal, rádio, televisão -; teve cunho democrático. No Brasil, foi assunto de gabinete (informa a autora à página 85): o presidente abriu os trabalhos, depois a comissão fez uma análise e, finalmente, o grupo de trabalho (dez pessoas) foi nomeado pelo presidente. Não houve debates em público, a imprensa, os meios de comunicação de massa apenas divulgaram os resultados, pois houve também o cerceamento da liberdade de imprensa. A Europa levou de dois a quatro anos para elaborar a reforma; no Brasil, a solução foi encontrada em menos de 60 (sessenta) dias. Essa imposição foi prova da existência da crise na universidade.

De 64 a 68, houve grande recessão econômica no país. Mas, mesmo com a crise, a demanda pela universidade aumentou. O número de inscritos para o vestibular, em

relação ao número de vagas cresceu de 212%, entre 64 e 68. Isso representava uma ameaça à segurança nacional, visto que o movimento estudantil canalizava seu descontentamento em atividades políticas sobre as quais, o Estado estava perdendo o controle, mesmo com o cerceamento às liberdades democráticas. Contudo, a lei 5692, com a profissionalização do 2º grau, vai reter o estudante antes de entrar para a universidade e, também, o Decreto-lei

477 atribui às autoridades universitárias o poder de desligar e suspender estudantes envolvidos em atividades subversivas.

A reforma foi imposta, mas muitos educadores brasileiros, apesar do cerceamento à liberdade de expressão/comunicação, passaram de modo velado, a criticar o governo pelo uso do sistema de ensino como controle das ações sociais de quem dele discordava; o processo dialético instaurou-se no interior do sistema. Assim, durante vinte anos de Totalitarismo, os professores, ou seja, as autoridades pedagógicas (AuT), talvez tendo aprendido com o regime instituído que se sustentou e que se legitimou também pelo sistema de ensino, cujos esquemas inculcados devem se repetir continuamente como um ritual que canoniza as crenças impostas pelas classes dominantes, acabaram por “inculcar”, por meio do trabalho pedagógico, de forma dissimulada, como fez também o compositor Chico Buarque de Holanda (música Cálice), o descontentamento com o regime que desmoronou.

Dessa forma, a escola não é apenas o aparelho reprodutor e repetidor das ideologias das classes dominantes, amplamente disseminadas pelos meios de comunicação de massa. Outro exemplo que contesta essa visão rígida do sistema é o Movimento de 1968, quando, em Paris, os estudantes ocuparam a Sorbonne.

2. O Prometeísmo

Mesmo concordando com a visão crítica dos autores citados, não se pretende uma proposta de ensino que exclua totalmente o indivíduo do mundo globalizado, ou outra proposta que pensa em retomar etapas da evolução humana, que já foram ultrapassadas como aquela apresentada em *A Educação do Trabalho*. Nessa obra, Freinet critica incisivamente a ciência, indagando: ‘Temos certeza do rigor científico das pesquisas realizadas e da perfeita fidelidade dos resultados considerados ? ‘ (FREINET, 1998 , p.32)

E compara os cientistas aos homens da cidade que vão ao campo, com a pretensão

de dar lições aos campesinos. Em seu texto, o autor propõe o retorno das crianças ao campo para aprenderem em contato com a natureza, com o pastoreio etc. A fim de justificar sua visão de educação, faz outras críticas às consequências do avanço científico, do qual descreve: “A utilização desses conhecimentos e técnicas, a atitude da ciência diante do problema humano em toda sua complexidade, não só fisiológica mas também espiritual, vital, é que devem ser mudadas”. (Ibidem, p.49) Essa crítica é retomada: “É preciso saber que a ciência nem sempre tem serventia, que, mal orientada, ela pode levar à exploração, ao roubo, à guerra e à derrota”. (Ibidem, p.147). Nessa direção, continua abalando os alicerces da ciência :

A escola se tornou então o templo da instrução, fundamento da ciência e da razão. O que ainda era normal, pelo menos naquele momento. (...) E a escola se esfalfou ao seguir essa corrida do conhecimento rumo à ciência, participando dos mesmos erros, para naufragar junto com ela (Ibid.,p.311).

Assim, o autor pretende “reencontrar os fios condutores dos comportamentos individuais e sociais”. (p. 50) e, mais abaixo, confirma a crítica e a proposta: “e sei melhor do que ninguém como a própria natureza é madrasta quando o homem não consegue dominá-la graças à inteligência e à habilidade”. (Ibid.). Para Freinet, os cientistas se desintegram, por meio do pensamento, “da indispensável harmonia universal” (p.67), mas, de sua crítica acirrada à ciência e à tecnologia, aponta, dentro de seu prometeísmo de retorno a etapas já vividas pela civilização, que eles podem afastar-se do passado, mas comenta “a importância de encontrar no futuro próximas soluções que se apoiam no presente real, descendente e herdeiro do passado recente e da remota contribuição das gerações que fertilizaram nosso solo...” (p.69)

Além de criticar os cientistas, os livros, os professores, ele não aceita os meios de comunicação como valores da civilização que se fez pela mediação sógnica entre os homens. Embora afirme que “a língua é a melhor e a pior das coisas” (p.76), concorda que as técnicas são fabricadas pelas mãos do homem que pode fazer mau uso delas. Mais adiante, lamenta o fato de que o avanço da tecnologia “correspondia necessariamente a uma evolução dos destinos da escola”. (p. 103). Em sua crítica à evolução social, embora caminhe por outra via, como os estudiosos citados anteriormente, reafirma o caráter de “inculcamento” ou de “aparelho ideológico” da escola e dos meios de comunicação de massa.

A instrução – como as vias de comunicação, como o telefone e o rádio, como as novas máquinas que dão vida a nossas fábricas – não passa de um meio, de um instrumento, tudo depende do espírito que preside ao seu uso, e do objetivo para o qual é empregada. (p.113)

A rejeição à escola que acompanhou a evolução tecnológica evidencia-se pela escolha das palavras, por exemplo: “...gerações que fertilizaram nosso solo...” - cujo uso metafórico da expressão remete ao sentido denotativo da proposta do autor: o retorno do homem à natureza, o que não é mais possível nesta etapa da civilização. Esse prometeísmo da volta ao passado, ou seja, a uma etapa da evolução já vivida e que corresponde ao momento quando os homens se tornaram sedentários, assim como essa recusa ao avanço tecnológico pressuposta pela vida em comunidade, cuja pretensão é desfazer a sociedade de massa, complexa, globalizada, lembra Rousseau, e remete ao mesmo descontentamento com a sociedade, expresso por Althusser e Bourdieu. São posições críticas, que desconsideram termos como densidade demográfica, desenvolvimento, evolução tecnológica e poder.

3. Potência e Poder

Apesar do sonho prometêico da educação da criança em “solo fértil” da comunidade e, apesar da crítica à escola como reprodutora da ciência, que pode ser nociva, Freinet reconhece a inserção do homem na civilização da tecnologia:

O homem se desloca cada vez mais rápido; conquista a terra, a água e o céu; domina o espaço e escruta o tempo; enfia-se nas entranhas do planeta e esquadrinha o universo com olhos artificiais de uma acuidade inimaginável; constrói abrigos com um conforto que nossos ancestrais nem sequer poderiam suspeitar; produz alimentos num ritmo inacreditável; cria prazeres, mas igual número de dores também. (p.320)

Mas, em sua proposta pretende a conjunção do passado com o presente, por meio de uma adaptação à realidade complexa.

O homem vive em uma sociedade complexa e, nela inserido, tem que compreender o mundo em sua dimensão atual, conforme explicitado por Morin: “Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, *comprehendere*, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno)” (MORIN, 2004, p. 94) Como a compreensão é uma relação em conjunto para apreender o conhecimento, ela sempre

implica uma relação de comunicação entre humanos, entre pessoas próximas, a que Morin denomina “pólo individual”; e relações entre culturas e povos diferentes: “pólo planetário”, que se realiza por meio das tecnologias de comunicação.

Não há dúvida de que o avanço da ciência² pode ter como consequência várias alienações, resultantes da imposição do habitus das classes dominantes à maioria dominada, que não consegue reagir aos esquemas de dominação, aceitando-os passivamente, sem sequer perceber que eles são resultados da globalização capitalista.

Para Morin:

O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos). (Ibid., p.40-41)

Freinet também observa a necessidade “de uma adaptação metódica do devir à realidade complexa” (op.cit., p.321), que, para ele, contém a conjunção do presente com o passado. Segundo esse educador, isso é possível graças ao “sentimento de potência, o desejo permanente de se superar, de superar os outros, de conquistar vitórias, pequenas ou grandes, de dominar alguém ou alguma coisa”. (p.190). Como o ser humano não se acomoda ao sentimento de derrota, Freinet propõe a educação como jogo. Contudo, neste ponto, retoma-se a visão moriniana do “homo complexus”, que abrange a variedade de características humanas, que o definem como: *homo sapiens*, *homo faber*, *homo ludens*, *homo afetivus*, *homo consumans* etc. Dessa forma, quando se considera o sentimento de potência, que possui as características citadas, entende-se que ele suscita o *homo politicus*, ou seja, aquele que gosta do poder e procura exercê-lo.

A complexidade e suas características são direcionadas por estratégias de estabelecidas pelo poder para se sustentar. Porém, como o exercício de poder é humano, social, cultural, histórico e econômico, à escola cabe buscar informações em várias disciplinas, que abrangem esse exercício, informações importantes para a reflexão e a formação da consciência crítica. Ao estabelecer o programa a ser ministrado, sempre há que se considerarem os erros do poder, o acaso e as ambiguidades das mensagens veiculadas, porque induzem a respostas concordantes e alienantes da parte dos indivíduos

² Edgar MORIN, em *Ciência com Consciência*, refere-se ao “enclausuramento disciplinar”, à p. 136.

durante os processos de reiteração da comunicação do poder, devido à adesão massiva que se exerce pelos “aparelhos ideológicos de estado” e pela comunicação de massa.

É próprio do poder expandir-se pelas instituições que ele cria, mantém e coordena. Com isso, embora a escola tenha por “função codificar, homogeneizar e sistematizar a informação escolar” (BOURDIEU E PASSERON: p.80), prefere-se concordar com Vygostky que declara que o homem incorpora a evolução em seu organismo, porque a educação é “sempre a modificação do comportamento hereditário e a inoculação de novas formas de reação” (2004, p.10). Este autor coloca o que se almeja em termos de comportamento que a educação pretende para a vida: “a palavra “educação” só se aplica ao crescimento. Assim, a educação só pode ser definida como ação planejada, racional, premeditada e consciente e como intervenção nos processos de crescimento natural do organismo. (Ibid. , 77).

No entanto, a educação escolar e seus agentes são considerados adeptos do poder: reprodutores de conhecimentos e profissionais em favor da permanência e legitimidade da classe dominante como mostram os dados coletados e analisados por Bourdieu e Passeron em sua obra, *A Reprodução*. O acesso à Universidade, no Brasil, também reproduz a mesma situação, de acordo com os autores, visto que ela mostra a presença marcante da elite econômica, com maior incidência numérica do que as classes com poder aquisitivo inferior, nas faculdades. (Observem-se os dados de 2016, do Centro de Linguagem e Comunicação, da PUC-Campinas, no gráfico, em anexo). Porém, mesmo que o acesso das classes “subalternas” à universidade ainda seja limitado, como evidenciam os dados estatísticos apontados, é fundamental repensar o sistema escolar e o trabalho pedagógico não de modo prometêico, como fizeram Rousseau (Émile), que isola o indivíduo da sociedade que corrompe o homem e, mais recentemente, Freinet (Educação do Trabalho), em cuja proposta, destaca a importância de o homem, quando criança, ser educado em contato com a vida rural, vivendo entre plantas e animais, retirando-o, afastando-o assim, do contato com a sociedade das tecnologias e do mercado. A utopia dessas propostas situa-se no descaso com o mundo globalizado, cujo crescimento demográfico vertiginoso, formou cidades com mais de 10 milhões de habitantes, como S. Paulo, no Brasil.

Além disso, não se pretende excluir essas duas propostas de educação desta reflexão, visto que se adota o Método Complexo de Morin. Contudo, dentro da globalização, pretende-se a adoção de proposta de educação que consiga abranger a

multiplicidade natural, social, cultural, comum aos países emergentes como o Brasil. Nesse país, a mudança de governo faz o sistema de ensino alinhar-se em torno da proposta do poder instituído em um país de quase 200 milhões de habitantes e com uma realidade absolutamente diversificada pela natureza, pela cultura, pela variação linguística etc. Todas as escolas públicas são obrigadas a seguir uma teoria pedagógica imposta pelo Estado (comportamentalismo, construtivismo etc.).

4. O poder democrático

Como Morin, julga-se necessário construir a unidade democrática, a partir do respeito às diversidades, convocando os educadores, das regiões diversas, para juntos elaborarem a proposta de educação, respeitando a cultura local, não desprezando o prometeísmo pedagógico, mas utilizando-o em função da realidade atual do Planeta, ameaçado devido ao avanço tecnológico, no sentido de que o contato com a natureza seja trabalhado em todo o sistema de ensino, para cuja implantação do projeto pedagógico se deve consultar e preparar a autoridade pedagógica.

A escolha múltipla das teorias deve estar sempre permeada pela crítica, uma vez que cabe à Educação (vai além do sistema de ensino instituído) produzir esquemas de ruptura para os indivíduos oprimidos superarem a condição que lhes é imposta. Por esse motivo, julga-se que os educadores, principalmente do ensino superior, devam estar aptos a entenderem a educação como *krisis*: radical da palavra crítica (significa separação) -, porque a crítica constitui o movimento dialético de oposição à perpetuação de esquemas opressores. Essa oposição pode também, aproveitando a ideia de Freinet, criar oportunidades dentro do sistema de ensino, para que os estudantes voltem a ter seus espaços de liberdade de expressão e/ou comunicação, de organização política, de manifestação pública, de crítica ao sistema por meio do diálogo representativo ou coletivo e não sejam reprimidos ou oprimidos pelo poder instituído.

Mesmo que as políticas de educação continuem com projetos de reprodução do *habitus* da classe dominante, para integrar o sistema de ensino à expansão capitalista, a autoridade pedagógica, isto é, os profissionais da Educação precisam entender que a “verdadeira solidariedade é a única coisa que permite o incremento da complexidade” (MORIN, 2006, p.93), para o qual há resistências, desordens: ingredientes necessários à evolução e ao desenvolvimento humano. Portanto, para atender às “classes subalternas” em busca de melhores condições de vida, é necessário construir a consciência crítica

(mesmo que ela seja dissimulada) e produzir dentro do espaço pedagógico as oportunidades para o exercício democrático do poder que requer a comunicação pelo diálogo, debate, manifestação organizada, enfim expressão simbólica do descontentamento, da insatisfação com os esquemas impostos, como ocorreu em 1968, na França. Vale a pena recordar que esse caminho exige consciência da Educação como processo crítico do e no mundo globalizado, que não se constitui como unidade coesa, mas que, dada a sua complexidade, caracteriza-se também pela atomização, assim no sentido proposto por Morin. Logo, a sociedade “requer novas solidariedades espontaneamente constituídas e não apenas impostas pela lei”. (Ibidem, p.93), que pressupõe o avanço das tecnologias que também devem ser utilizadas, na época atual, para a instituição do diálogo, do esclarecimento etc, e não apenas para inculcação ideológica do poder instituído.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007

_____ e PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado & Sociedade**. S. Paulo: Editora Moraes, 1980

FREINET, Celestin. **A Educação do Trabalho**. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. S.Paulo: Cortez/UNESCO, 2004

_____ **Introdução ao Pensamento Complexo**. S. Paulo: Cortez/UNESCO, 2006.

_____ **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000

_____ **Sociologia**: a Sociologia do microssocial ao macroplanetário. Portugal: Publicações Europa-América Ltda, 1998.

VYGOTSKY, Lev. **Psicologia Pedagógica**. S. Paulo: Martins Fontes, 2004

ANEXOS

LETRAS – BACHARELADO - MATUTINO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulando		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	2	6,90	0	0,00
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	11	37,93	2	22,22
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	12	41,38	5	55,56
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	3	10,34	1	11,11
E	Mais de R\$ 14.929,00.	1	3,45	1	11,11
TOTAL		29	100,00	9	100,00

LETRAS – BACHARELADO – NOTURNO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	4	25,00	0	0,00
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	8	50,00	3	42,86
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	4	25,00	4	57,14
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	0	0,00	0	0,00
E	Mais de R\$ 14.929,00.	0	0,00	0	0,00
TOTAL		16	100,00	7	100,00

LETRAS – LICENCIATURA – MATUTINO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	9	21,95	3	21,43
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	16	39,02	2	14,29
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	11	26,83	5	35,71
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	5	12,20	4	28,57
E	Mais de R\$ 14.929,00.	0	0,00	0	0,00
TOTAL		41	100,00	14	100,00

LETRAS – LICENCIATURA – NOTURNO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	3	23,08	1	20,00
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	4	30,77	2	40,00
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	4	30,77	1	20,00
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	2	15,38	1	20,00
E	Mais de R\$ 14.929,00.	0	0,00	0	0,00
TOTAL		13	100,00	5	100,00

RELAÇÕES PÚBLICAS – MATUTINO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	6	6,74	2	4,88
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	27	30,34	13	31,71
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	33	37,08	18	43,90
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	17	19,10	6	14,63
E	Mais de R\$ 14.929,00.	6	6,74	2	4,88
TOTAL		89	100,00	41	100,00

LETRAS – LICENCIATURA – MATUTINO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	9	21,95	3	21,43
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	16	39,02	2	14,29
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	11	26,83	5	35,71
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	5	12,20	4	28,57
E	Mais de R\$ 14.929,00.	0	0,00	0	0,00
TOTAL		41	100,00	14	100,00

LETRAS – LICENCIATURA – NOTURNO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	3	23,08	1	20,00
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	4	30,77	2	40,00
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	4	30,77	1	20,00
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	2	15,38	1	20,00
E	Mais de R\$ 14.929,00.	0	0,00	0	0,00
TOTAL		13	100,00	5	100,00

RELAÇÕES PÚBLICAS – MATUTINO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	6	6,74	2	4,88
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	27	30,34	13	31,71
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	33	37,08	18	43,90
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	17	19,10	6	14,63
E	Mais de R\$ 14.929,00.	6	6,74	2	4,88
TOTAL		89	100,00	41	100,00

FACULDADE DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	12	19,35	3	9,38
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	17	27,42	8	25,00
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	17	27,42	10	31,25
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	11	17,74	8	25,00
E	Mais de R\$ 14.929,00.	5	8,06	3	9,38
TOTAL		62	100,00	32	100,00

FACULDADE DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	2	9,52	0	0,00
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	10	47,62	4	36,36
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	5	23,81	3	27,27
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	3	14,29	3	27,27
E	Mais de R\$ 14.929,00.	1	4,76	1	9,09
TOTAL		21	100,00	11	100,00

CURSO DESIGN DIGITAL - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	13	9,92	5	7,46
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	44	33,59	19	28,36
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	37	28,24	21	31,34
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	19	14,50	12	17,91
E	Mais de R\$ 14.929,00.	18	13,74	10	14,93
TOTAL		131	100,00	67	100,00

FACULDADE DE JORNALISMO – MATUTINO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	20	12,42	6	7,14
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	35	21,74	17	20,24
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	62	38,51	35	41,67
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	31	19,25	18	21,43
E	Mais de R\$ 14.929,00.	13	8,07	8	9,52
TOTAL		161	100,00	84	100,00

FACULDADE DE JORNALISMO – NOTURNO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	25	26,60	6	17,14
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	43	45,74	11	31,43
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	19	20,21	12	34,29
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	7	7,45	6	17,14
E	Mais de R\$ 14.929,00.	0	0,00	0	0,00
TOTAL		94	100,00	35	100,00

FACULDADE DE TURISMO - 25 - Distribuição dos vestibulandos e matriculados conforme as faixas de renda familiar.

		Vestibulandos		Matriculados	
		Respostas	%	Respostas	%
A	Menos de R\$ 1.866,00.	10	21,28	1	5,56
B	De R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00.	19	40,43	8	44,44
C	De R\$ 3.733,00 a R\$ 7.464,00.	16	34,04	8	44,44
D	De R\$ 7.465,00 a R\$ 14.928,00.	0	0,00	0	0,00
E	Mais de R\$ 14.929,00.	2	4,26	1	5,56
TOTAL		47	100,00	18	100,00